

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

JUVENTUDE E PROJETO DE VIDA

MARLENE DE SOUZA

GOIÂNIA

2007

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA – FAJE
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

JUVENTUDE E PROJETO DE VIDA

Orientadora Prof^a. Mestr. ANA MARIA TRINDADE

**Monografia apresentada ao Curso de Pós-
graduação Lato Sensu em Adolescência e
Juventude no mundo contemporâneo
como requisito para grau de especialista.**

GOIÂNIA

2007

TERMO DE APROVAÇÃO

MARLENE DE SOUZA

JUVENTUDE E PROJETO DE VIDA

Trabalho de conclusão aprovado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Adolescência e Juventude Contemporânea da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE.

Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude Pós-Graduação Lato Sensu em Adolescência e Juventude no Mundo Contemporâneo, orientado pela professora e mestranda Ana Maria Trindade.

Prof^a. Mestranda Ana Maria Trindade

GOIÂNIA

2007

Dedico este trabalho realizado com muita dedicação, amor e carinho para os meus sobrinhos Anderson Igo Martins de Souza, Wellinton Cavalheiro Trindade de Souza, Natally Cavalheiro Trindade de Souza. E as jovens Jeciene Teles de Fraga, Wellaine, Helena Espíndola que contribuíram, colaboram e acreditam na capacidade e na força da organização de se ter um projeto de vida como alicerce e fundamento no universo juvenil.

AGRADECIMENTOS

Aos Professores e professoras do curso de especialização em Adolescência e Juventude no Mundo Contemporâneo, de modo particular muito obrigada a Orientadora professora e mestranda Ana Maria Trindade.

Aos professores, colegas do curso e as pessoas da casa da juventude de Goiânia,

Pelos momentos de convivência e a experiência de crescimento pessoal.

Aos jovens e colaboradores, parceiros e companheiros de caminhada.

Aos educadores e agentes de pastoral que dedicam, amam e acreditam no trabalho com o mundo juvenil.

A Congregação das Irmãs de Jesus Bom Pastor – Pastorinhas e de modo particular às minhas irmãs da Província Jesus Bom Pastor pelo incentivo e o investimento na formação permanente.

Ao Deus Pastor grande Mestre e educador da vida.

RESUMO

Este trabalho monográfico apresenta uma análise da importância de refletir o mundo juvenil e o projeto de vida, o ser humano com pessoa projetável e a importância de promover o delineamento do projeto de vida, projeto este que deve contemplar todo o seu ser de maneira integral.

O período da adolescência e juventude se configura como fase de fertilidade para a construção de projetos; a família e a escola são instituições que se configuram enquanto ambientes e espaços favoráveis à reflexão e orientação para o projeto de vida; o projeto de vida não se esgota no projeto profissional; os adolescentes são vitimados pela política do capitalismo e o projeto de vida se constitui como necessidade do mundo juvenil. O estudo em questão pode auxiliar na promoção de reflexões que tornem mais comum o planejamento da vida e a percepção de sua importância.

Palavras Chaves: *Mundo juvenil, juventude, projeto de vida.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE JUVENTUDE.....	11
1.1 Fenômeno Juvenil.....	13
1.2 Concepção Sócio-Histórico-Cultural	15
2. O MUNDO JUVENIL E O PROJETO DE VIDA.....	18
2.1 A pessoa um ser projetável.....	19
2.2 Projeto de vida como estilo de vida.....	21
2.3 Experiências pessoais na construção da história.....	24
2.4 Necessidades humanas no projetar-se	25
2.5 A Transcendência dentro do projeto de vida.....	28
2.6 Valores	29
3. METODOLOGIA DO TRABALHO DE CAMPO DE PESQUISA.....	33
3.1 Análise e Interpretação dos Dados	34
3.2 Dados de identificação da Pesquisa de campo.....	34
CONCLUSÃO.....	43
BIBIOGRÁFIA	45

INTRODUÇÃO

A juventude é um tema cada vez mais emergente na sociedade contemporânea, tanto nos espaços acadêmicos de discussão e investigação como nas agendas para o desenvolvimento de políticas públicas.

Faz-se necessário ter em conta a variedade de comportamentos e situações da juventude hoje e a dificuldade de delinear um único perfil dela no mundo e no Brasil. Trata-se de uma situação exposta a constante oscilação marcada com maior impacto pela velocidade social das mudanças culturais e históricas, com as vulnerabilidades e potencialidades dos jovens.

Verificam-se mudanças de cenário: velocidade e volume da informação, a rapidez com que a tecnologia muda o cotidiano, com novos códigos e comportamentos. A globalização e o poder de comunicação dos meios eletrônicos são mudanças que vem influenciando fortemente o meio juvenil.

Atingido pelo “medo” em ficar à margem de uma sociedade excludente, onde a própria subsistência fica submetida pelo poder de consumo e a ela atrelada, o ser humano sente-se fragilizado e fragmentado, sem saber que caminho seguir. A aquisição de “coisas” e produtos é extremamente valorizada, dependendo apenas dos desejos do indivíduo. Tal desejo, se não realizado, gera constante insatisfação. Dessa forma, a busca excessiva pelo ter traz uma série de desconfortos, sensação de não felicidade, não realização pessoal, ausência de referências e desesperança no futuro. Os valores propagados pela cultura moderna do capitalismo escravizam o ser humano, fazendo com que todos tenham os mesmos desejos para suas conquistas individuais.

Este trabalho de pesquisa tem relação com a busca da confirmação das seguintes hipóteses. Os jovens são pouco orientados e acompanhados em relação à construção de seu projeto de vida; o período da adolescência e juventude se configura como fase de fertilidade para a construção de projetos; a família e a escola

são instituições que se configuram enquanto ambientes e espaços favoráveis à reflexão e orientação para o projeto de vida; o projeto de vida não se esgota no projeto profissional; os adolescentes são vitimados pela política do capitalismo e o projeto de vida se constitui como necessidade do mundo juvenil. O estudo em questão pode auxiliar na promoção de reflexões que tornem mais comum o planejamento da vida e a percepção de sua importância.

O conhecimento produzido sobre esse assunto quer trazer efetiva contribuição em âmbitos sociais, visto que poderá incentivar as instituições, profissionais e pessoais, no sentido de se habilitarem a auxiliarem os jovens quanto ao desenvolvimento do seu projeto de vida. Assim, cabem aqui algumas indagações. A escola, a partir de sua atuação, promove reflexões sobre o projeto de vida? A família desempenha com coerência seu papel socializador, no que se refere ao futuro juvenil? A sociedade, a partir de seus impulsos, tem auxiliado o mundo juvenil na construção de seu futuro?

A realidade da juventude brasileira há situações graves de vulnerabilidade e de exclusão, porém há indicadores de um potencial enorme que se encontra retido nesta faixa etária da população. Pode-se imaginar que, com estas condições, as possibilidades são mínimas para compreender o mundo à sua volta e, a partir desta compreensão, ler o mundo e projetar-se nele.

A sociedade é caracterizada por uma extrema diversidade onde se manifestam diferenças e desigualdades sociais as quais marcam profundamente a juventude. Trata-se de um contingente populacional significativo, em idade produtiva, que constitui uma importante força a ser mobilizada no processo de desenvolvimento de nosso país. Neste sentido, observando pelo viés da Juventude enquanto um fenômeno multidimensional, onde diversos são os fatores que constituem a identidade juvenil; entende-se que se trata de um período da vida em que o indivíduo começa a enfrentar e ter que dar respostas às diversas instituições sociais que o cercam. E por ser um momento onde o jovem passa por variadas transformações biológicas e psicológicas, no qual o contexto econômico e social em que ele está inserido é parte integrante da construção de sua personalidade. Pode se afirmar ser um momento na vida que certamente está mais aberto ao

aprendizado de novos conhecimentos, novas posturas e a construção de novas relações sociais.

No primeiro capítulo realizou-se um estudo para analisar a definição e o conceito de juventude, o fenômeno juvenil e as concepções sócio-histórico-cultural.

No segundo capítulo buscou-se compreender o mundo juvenil e o projeto de vida, o ser humano com pessoa projetável. Tal projeção é impulsionada e motivada pelas experiências pessoais que podem ser norteadoras de projetos, pelas necessidades básicas do indivíduo e pelos valores adquiridos que geram segurança. Reflete-se sobre a importância de promover o delineamento do projeto de vida já no período da adolescência, projeto este que deve contemplar todo o seu ser.

O terceiro capítulo diz respeito à pesquisa de campo, bem como à metodologia utilizada. Participaram como sujeitos desta pesquisa de abordagem por amostragem quantitativa, oito (8) jovens de 18 a 25 anos os dados foram levantados por meio de um questionário com perguntas, com o objetivo de obter as informações em relação à construção de um projeto de vida.

CAPÍTULO 1

1. A DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE JUVENTUDE

No contexto atual torna-se imprescindível falar da e sobre a Juventude com o objetivo de pensarmos e refletirmos em relação à importância do protagonismo dos jovens e de que maneira esses jovens podem contribuir para as mudanças significativas que desejamos alcançar na nossa sociedade. No caso da conceituação, às vezes ele é confuso e controvertido.

Desde os primeiros estudos sistematizados, nas décadas de 30, 40 e 50, do século XX, por cientistas políticos e sociais que discutiam o tema, principalmente os que construíam pesquisas ligadas a Sociologia das Gerações, as definições não se caracterizavam pela unidade e sim pela diversidade.

Na linguagem francesa, inúmeras especificidades foram encontradas para estabelecer as diferenças existentes entre crianças, jovens e adolescentes. Áries confirma que a concepção mais próxima da idéia que temos hoje de adolescência surgiu no séc. XVIII, quando jovens mostraram-se capazes de renovar a antiga sociedade, opondo-se às velhas gerações da retaguarda.

“Começou-se a desejar saber seriamente o que pensava a juventude e surgiram pesquisas sobre ela (...). A juventude apareceu como depositária de valores novos capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada (...) daí em diante, a adolescência se expandirá, empurrando a infância para trás e a maturidade para frente... assim passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita, deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo” (ÁRIES, 1981 p.46 - 47).

Áries ainda coloca que as questões que surgem como objetos da adolescência hoje, não existiam na época, pois o sentido da vida e o processo escolar eram diferentes. As exigências sociais, que transformavam as relações e as organizações dos espaços políticos, modificavam também as instituições familiares,

fazendo com que os ciclos de vida se tornassem mais definidos. Daí se percebe a separação entre infância e a juventude, e entre juventude, vida adulta e velhice.

Carmem Silveira de Oliveira (2001, p.34) coloca a adolescência como “o testemunho da alteração, não apenas cultural, mas com ressonâncias subjetivas, que se produziu nesta passagem da sociedade tradicional à moderna”.

Essas ressonâncias estão ligadas à libertação da submissão que existia em relação aos deuses, ao fato de a hierarquia medieval sofrer um afrouxamento, fortalecimento da família e a maior influência do Estado na questão social. Tais mudanças trazem à família o sentimento de proteção em face das tentações da vida que iriam surgir. É daí que aparece o conceito de família nuclear, heterossexual, monogâmica e patriarcal; os papéis das crianças e mulheres foram sendo redefinidos a partir do séc. XIX e da produção industrial. Nesse século a adolescência é vista como grande risco para o indivíduo e para a sociedade. Aqui surgem os grandes internatos para moças e rapazes. Apenas no século XX a adolescência será vista com mais cautela e valor.

A sociedade moderna, além da sua quase ausência de ritos de passagem, traz fragmentos na hierarquia social e relações efêmeras e distantes, possibilitando maior apelo corporal, gerado pela puberdade. A nova sociedade traz ainda ao adolescente as demandas sociais a que ele não tem como responder, a não ser adolescendo.

Vemos então que a adolescência, assim como compreendida hoje, sofreu várias modificações durante a história. Os conceitos da atualidade são bastante recentes (séc. XIX). A partir da constatação da construção do conceito sobre adolescência, fica ainda mais evidente que, em linhas gerais, é inviável atribuir à adolescência qualquer característica absoluta e natural.

As resistências dos adolescentes, suas ansiedades e atitudes são vistas como anormalidade pelos pais e pela sociedade; mas é importante perceber que a própria sociedade e os próprios pais estabelecem uma situação de convivência confusa ora vendo o adolescente como criança, ora como adulto o que já é comum ao próprio adolescente. KNOBEL E ABERASTURY explicam que “durante a adolescência há uma confusão de papéis: o adolescente não pode manter sua

dependência infantil, nem pode assumir uma independência adulta, o que o leva, às vezes, a sofrer fracassos na personalidade”; e afirmam ainda que o que determina se um adolescente irá ser um adulto satisfeito dependerá do fato de ter tido ou não possibilidades de expressar de forma adequada sua personalidade.

Sendo fase do processo evolutivo, esse período deveria ser visto de maneira normal tanto psicológica como fisiologicamente; porém KNOBEL E ABERASTURY (1992, p.29) afirmam que ocorre uma “exacerbação de traços caracterológicos e comportamento anormal”.

Nesse sentido observamos que é preciso romper algumas barreiras preconceituosas relacionadas a essa fase do ciclo da vida humana, para que tal período possa de fato ser valorizado, bem “administrado” e, sobretudo respeitado pela ciência e pelos indivíduos.

1.1 Fenômeno Juvenil

Deparamos-nos com as mais diversas análises e proposições e definições, inclusive, os conceitos de jovem e juventude como categorias semelhantes (PROJETO JUVENTUDE: 2004 p.9), ou criam novas categorias como condição juvenil, identidade juvenil, juventudes, no plural mesmo, jovens adolescentes, jovens trabalhadores, etc.

“Compreender a juventude enquanto um fenômeno multidimensional é entender que diversos são os fatores que constituem a identidade juvenil; trata-se de um momento onde o indivíduo começa a enfrentar e ter que dar respostas individuais às diversas instituições sociais que o cercam; é um momento onde passa-se por diversas transformações biológicas e psicológicas e que o contexto econômico e social ao qual ele está inserido é parte integrante da construção de sua personalidade. Tudo isso é fundamental para compreendermos que não estamos falando de uma população homogênea e sim de diversos grupos de pertencimento com identidades próprias, ou seja, não estamos falando de juventude, mas sim de Juventudes. É um momento na vida em que se está mais aberto a apreensão de novos conhecimentos, posturas e construções de novas relações sociais” (COELHO. 2003 In: <http://www.proex.ufes.br/Conexoesdesaberes/artigojpp.html> acessado em 15/06/2007)

O conceito de juventude que nos proporcionaram a uma visão, é a dos parâmetros adotados pela Organização das Nações Unidas (ONU), é um dos mais usados no território nacional. . Esse parâmetro dado pela faixa etária entre os 15 e os 24 anos, foi estabelecido em 1985, Ano Internacional da juventude, pela Assembléia Geral das Nações Unidas. A OIT (Organização Internacional do Trabalho), diversos órgãos públicos de estatística, como o IBGE, de saúde pública, educação e cultura também utilizam esse parâmetro. Temos como referência uma faixa etária específica, que determinamos entre os 15 e os 24 anos. Muitas razões nos levaram a adotar essa definição, e, o mais importante, é pensar, em nível de Brasil, apesar de todas as diferenças conceituais, o que mais se utilizava como referencial de análise de tal conceito.

“A noção mais geral e usual do termo juventude, se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude configura-se como um período destacado, ou seja, aparece como uma categoria com visibilidade social” (Abramo, 1994 p.1).

A fase propriamente da juventude como no viés senso clínico, bem como grande parte do senso comum estaria no que se convencionou denominar por pós-adolescência. Esta etapa estaria quantificada entre os quinze e os vinte anos do sujeito,

“Isto é, no período que segue a adolescência, o adolescente de nossa cultura, para integrar-se definitivamente no mundo dos adultos precisa enfrentar o problema vocacional, emancipar-se da família, desenvolver relações satisfatórias com o sexo oposto e integrar sua personalidade, cristalizando uma identidade pessoal” (D’Andrea, 1989 p. 88).

A juventude é resultante de uma *vivência* em determinado período históricos e sociais, que traz os dados da cultura onde ela é estabelecida e o tempo pela qual ela é concebida.

Ao avançar nesta perspectiva de análise encontraremos pensadores, como Hobsbawm (1995) que vai nos dizer que a *juventude é eterna* e que todos, hoje,

buscam ser jovens, ou seja, a ação está vinculada a algumas características tais como, o cuidado com o corpo, com a beleza, com as roupas, os exercícios físicos, os interesses, e outras, identificadas a partir do olhar jovem. No caso dos grupos e subgrupos, autores como Carrano (2003), dizem que os jovens não constituem uma classe social, ou grupo homogêneo; eles compõem agregados sociais com características flutuantes.

Na medida em que os jovens representam e interferem na cultura em que estão sendo desenvolvidas e apreendidas suas afirmações e identidades. Observamos que inúmeros enfoques estão presentes nesta análise, sejam os enfoques psicológicos (bem fortes na sua estrutura e organização), os enfoques biológicos (responsáveis diretos pelas mudanças no interior do organismo), os sociais, os políticos, os culturais, os da saúde, entre outros. Inúmeros são os fatores que poderíamos apresentar para uma ampla caracterização dessa juventude.

Fatos, atitudes como uma predisposição enorme ao que gosta de fazer, uma vontade implícita em ser solidário, uma alegria contagiante, um bem estar com a vida, uma euforia ilimitada, uma radicalização nas suas afirmações, contrastam com momentos de depressão, dificuldades em fazer opções, em se organizarem, em se programarem, no seu cotidiano.

1.2 Concepção Sócio-Histórico-Cultural

A juventude, como categoria social teve mudanças significativas, ao longo da história e o que a caracterizam é a forma como os grupos a que ela pertence a determinam. A juventude da década de sessenta, dos anos da ditadura é extremamente diferente da juventude - ano 2007 em termos de vontade política, desejos, intenções (a característica de participação política da juventude, nos anos 60 é totalmente diferente dos caras-pintadas da década de 90) . A juventude negra, hoje, com todas as suas lutas e desafios é diferente juventude do período da

escravatura. Todo o contingente de dados, símbolos, representações interferem na determinação desta juventude ao longo de um determinado período histórico.

Otávio Iani (1962), diz que a Juventude não é apenas uma fase transitória - culturalmente produzida na vida social das pessoas, consideradas individualmente, em face dos contextos familiares; a juventude, para o autor, no seu inconformismo juvenil apresenta um produto possível do modo pelo qual a pessoa globaliza a situação social. Mannheim (1968) que se preocupou muito com a participação criadora da juventude na vida social diz que o fator especial que faz do *adolescente* ser o mais importante para um novo curso da sociedade é que ele ou ela não toma a ordem estabelecida como privilegiada e não tem interesses implicados seja no nível econômico, seja no espiritual.

Para Mannheim (1968), um outro conceito deveria estar agregado à juventude/adolescência que é o da geração. Ele definia geração como um *fato* coletivo como uma forma de situação social. Ou seja, da mesma forma que o conceito de juventude é amplo o conceito de geração não se detém apenas no grupo concreto de uma família, tribo ou crença. O conceito de geração estaria vinculado a uma vivência social criada a partir de um fundamento natural. Seria então esta geração atual, da juventude, uma criação natural dos fenômenos e representações sociais da sociedade, ou seria uma definição do próprio grupo que se intitula juventude.

O que é muito significativo, a partir de Mannheim (1968) é o de perceber o que vem da juventude, como sendo uma "(...) vida nova, (onde) as forças formativas estão começando a existir, e as atitudes básicas em processo de desenvolvimento podem aproveitar o poder modelador destas situações novas" (p.78).

Ao discutirmos a questão da juventude, enquanto uma categoria social está propondo uma análise e reflexão para entender os jovens de forma o mais natural possível. Considerando sua cultura, sua história, seus grupos, sua norma, suas regras, suas relações com os outros grupos, suas manifestações, além de enquanto pessoas viverem as características específicas no universo do que se denominou

chamar de adolescência. Esta participação da juventude, em grupos, na modernidade já traz outras características, como afirma Groppo:

“Na verdade, a especificidade da juventude na modernidade é a sua adesão prioritária a grupos juvenis informais ou independentes, qualidade que diferencia a maioria dos grupos juvenis modernos dos grupos etários homogêneos das sociedades primitivas, por exemplo, ...nos grupos juvenis informais modernos a 'panelinha de adolescência' avalia cada indivíduo por critérios próprios ao grupo- critérios universalistas, diferenciados dos valores familiares”.(GROPPPO, 2000 p.47)

A fase da juventude é tratada, idealmente, como o tempo que se completa a formação física, intelectual, psíquica, social e cultural e que estabelece uma passagem da dependência para a autonomia, em relação à família. É a fase que torna capaz de produzir e reproduzir. Se assim a considerarmos, será marcada por processos de definições e de inserção social. Esta fase não é só de preparação para a fase adulta; é marcada pelas afirmações que definem a identidade, na esfera pessoal e social, exigindo uma experimentação de diversas esferas da vida. Essa condição juvenil não é homogênea; ela está condicionada pelas desigualdades sociais, culturais, local de moradia e região do país (PROJETO JUVENTUDE, 2005).

Nesta realidade da juventude, há situações graves de vulnerabilidade e de exclusão, porém há indicadores de um potencial enorme que se encontra retido nesta faixa etária da população brasileira. Pode-se imaginar que, com estas condições, as possibilidades são mínimas para compreender o mundo à sua volta e, a partir desta compreensão, ler o mundo e projetar-se nele.

CAPÍTULO 2

2. O MUNDO JUVENIL E O PROJETO DE VIDA

A reflexão feita a seguir parte já do pressuposto do mundo juvenil que é visto como um tempo de passagem; é de fato um período da vida humana com inúmeras transformações, mudanças de decisões e intensas emoções de fundamental importância. É nesse momento que emergem questionamentos referentes aos valores existentes, às possibilidades de escolhas a serem feitas e canalizadas dentro de projetos mais abrangentes. Essa passagem para o desconhecido e para novas exigências que geram inúmeras incertezas, pode sofrer alterações positivas ou negativas a partir da história de vida e do contexto sociocultural.

Nesse período de busca de estabelecimento da própria identidade existe a necessidade de associação a modelos ocupacionais do momento em assemelhar-se às pessoas admiradas, procurando assim de uma forma ou de outra, imitá-los. Por esse motivo o fenômeno juvenil instituir ídolos e idéias duradouros. Em face da família devem manter laços afetivos e estáveis, mesmo que se tornem independentes. Nesse “mecanismo” podem descobrir o seu verdadeiro papel. Será a soma das experiências atuais e anteriores que proporcionará aos adolescentes e jovens uma tentativa de olhar para o futuro por meio de um projeto de vida.

O termo “projeto” teve seu reconhecimento no final do século XVII; a criação arquitetônica foi a primeira tentativa de formalização de um projeto, com o sentido semelhante ao que nele se reconhece atualmente. Jean Pierre BOUTINET (2002, p. 34) acredita que no projeto “o presente pretende ser a reatualização de um passado considerado como jamais decorrido”.

Depois de uma série de considerações acerca de condutas de antecipação (projetos, previsões, planejamentos...), BOUTINET (2002, p.26) diz que falar “de uma antropologia do projeto é, finalmente, interrogar-se sobre o modo como os indivíduos, os grupos, as culturas vivem o tempo”.

Jean Pierre Boutinet fala da importância da existência de um projeto na vida do ser humano.

“Seja como for, através das inúmeras mudanças de que somos testemunhas e, às vezes, atores, sentimo-nos sendo carregados em direção a um tempo prospectivo. E a melhor maneira de se adaptar a esse tempo é antecipar, prever o estado futuro. Esboça-se então o projeto, que se torna uma necessidade para todos, isto é, apesar de suas ambigüidades, um modo privilegiado de adaptação. Este deve evitar que os indivíduos caiam em uma ou outra das formas de marginalidade que os funcionamentos sociais da era pós-industrial produzem: a situação de “sem-projeto” ou, então, a de “fora-de-projeto”. (BOUTINET, 2002 p.27)

Podemos dizer que projeto não significa simples representação do futuro, mas uma idéia a ser transformada em ato, que requer abertura ao desconhecido, ao não-determinado e à flexibilidade, porquanto a partir de problemas e dúvidas serão necessárias reformulações naquilo que se projetou.

Jean Pierre Boutinet, em sua obra “Antropologia do Projeto”, faz uma análise sobre projetos que desenvolvemos na vida. Sem restrições, ele faz uma abordagem de todos os tipos de projetos: projetos de vida pessoal, projetos de grupos culturais e tantos outros. O autor mostra o longo percurso do uso do projeto na história do pensamento humano, apontando princípios, evoluções e perspectivas.

2.1 A pessoa um ser projetável

O adolescente define-se na medida em que se afasta de sua identidade até então infantil. Para SERRÃO e BALEEIRO (1999, p.15), esse período define-se por características como “contestações, rebeldias, rupturas, inquietações podendo passar por transgressões”; sinalizam um período de reorganização pessoal e social que conduz o adolescente a refletir sobre valores, sobre o mundo e sua existência nesse.

“Trata-se, na verdade, da passagem do mundo infantil para o mundo adulto. O amor, a amizade, o trabalho, a escola, a família e o projeto de vida constituem-se em grandes questões, cujo ponto central é a identidade: Quem sou eu? Como sou eu? Qual o meu valor? Quem me valoriza? O que quero? O que quero ser?” (SERRÃO e BALEEIRO, 1999 p.15)

O fenômeno juvenil é colocado como segundo nascimento, nascimento para si e para a sociedade. Enquanto na infância o sujeito está ligado ao projeto dos pais, na adolescência isso já não ocorre, pois não se aceita mais o que os outros determinam. Agora é o adolescente que decide seu próprio destino por meio de questionamentos, rompimentos, conflitos, a ponto de perder-se para encontrar-se. Esse ambiente constitui o momento em que as escolhas são feitas e projetos começam a ser construídos.

A palavra projeto significa “idéia, desejo, intenção de fazer ou realizar algo, no futuro, plano. Do latim *projectus* significa ação de lançar para frente, de se estender, extensão”¹. A partir desse pequeno conceito fica bem evidente a noção de dinamismo, de mudança, de movimento, uma ação intencional e sistemática.

Para MACHADO (2000, p.2), “a capacidade de antecipar ações, de lançar-se em busca das mesmas, constitui o ser humano como pessoa”. A ausência de projeto é considerada por Nilson José Machado como causa de estagnação no ser humano.

“Sem projetos, portanto, não existe vida, em sentido humano. Tanto em sentido pessoal quanto em sentido coletivo, a idéia de crise está sempre associada a uma ausência de, ou a uma transformação radical nos projetos que nos mantêm vivos ou nos valores que nos sustentam”. (MACHADO, 2000 p.9)

Não se podem ter projetos pelos outros, pois um dos pressupostos básicos do projeto é a autoria, seja em nível individual, grupal ou coletivo. Um projeto de vida pode ser influenciado por inúmeras variáveis do contexto, que pode vir a interferir tanto em sua definição quanto em seu desenvolvimento.

Podemos dizer que estamos envolvidos em certa “cultura de projeto”, onde as idéias de antecipação que exploram o futuro fazem parte de nosso presente. O projeto representa e se configura como um “lugar” onde o passado, presente e futuro se encontram. Ao mesmo tempo supõe ruptura com o presente e promessa para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma estabilidade. Projeto seria como força propulsora, instrumento indispensável de ação e transformação da atualidade.

¹ Informações retiradas do site: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=projeto>

2.2 Projeto de vida como estilo de vida

Jean-Pierre BOUTINET (2002, p. 90), fazendo uma reflexão sobre projeto em nível antropológico, nos diz que projeto de vida “remete a um projeto de prazo maior que diz respeito ao estilo de vida que o jovem pretende adotar dentro de alguns anos: celibato, vida conjugal, tentativa de casamento, vida religiosa, união livre, militância, envolvimento caritativo”.

A idéia de projeto para a vida, ao longo da história, vai também mudando de concepções, por influência lógica de novas descobertas que acabam ocasionando novos modelos de vida, novas concepções de liberdade e de felicidade. É o que Boutinet afirma.

“Deve-se observar que o projeto de vida se desloca; ontem, ele visava à escolha de um cônjuge em um modelo tradicional. Na linguagem do século XIX, ter projetos sobre alguém significava querer desposá-lo. Hoje, o projeto não concerne mais à escolha de uma pessoa, mas à escolha de um modelo de vida”. (BOUTINET, 2002 p.91).

Podemos observar que o projeto de vida é compreendido a partir de possibilidades, algo em construção, descoberta de conjunto de fins e aspirações pessoais. O modo de fazer um caminho, com sentido para a própria vida, requer do sujeito que o deseja uma ação sobre a realidade: depende do que se faz e do que se deixa de fazer.

É necessário levar em consideração à própria identidade, que pode ser entendida como processo de permanente metamorfose do sujeito. Para Antonio Costa CIAMPA (1989, p.63) “vamos nos diferenciando e nos igualando conforme os vários grupos sociais de que fazemos parte”. Se a identidade do indivíduo é um processo permanente, o projeto de vida também se compõe cotidianamente, pois tal projeto está a serviço da identidade, cuja realização é a concretização do projeto de vida. Nilson José Machado acredita que o projeto de vida do indivíduo é permeado por diferentes potencialidades.

“Mesmo em se tratando de projetos de vida, característicos do modo de ser do ser humano, não nascemos determinados para percorrer uma única trajetória de projetos, ou vocacionados para um único tipo de

atividade. Movemo-nos permanentemente em um terreno pleno de pontencialidade, pleno de apelos que vêm de fora e que devem ser articulados com chamamentos interiores, do fundo don nosso ser” (MACHADO, 2000 p.16).

O projeto de vida consiste na realização de um processo que permita ao sujeito buscar a si mesmo, a sua identidade e um caminho coerente com seus valores. Esses elementos constituem o marco de uma opção fundamental.

O projeto de vida não é fenômeno somente interno, subjetivo; sua construção pressupõe a referência ao outro, ao social, pois sua própria elaboração se dá por meio de uma adaptação ativa e não passiva da realidade.

Um projeto de vida não deve estar em função exclusiva de uma realização individual, isolada da dimensão coletiva. Antonio da Costa CIAMPA (1989, p.137) acentua ainda: “(...) o indivíduo não é algo, mas sim o que faz o fazer é sempre atividade no mundo, em relação com outros”. É a partir dessas relações que o sujeito vai criando formas específicas de ser no mundo, na tentativa de encontrar coerência na experiência fragmentadora vivida numa sociedade complexa.

Essa fragmentação significa obstáculos para a construção de um projeto que envolva toda a vida, pois a sociedade atual dificulta ao indivíduo ter visão de mundo no sentido de integrar-se para elaboração desse projeto.

O projeto de vida não pode, a partir desses obstáculos, ser compreendido como exigência dolorosa, porém nem “idolatrado” pelo sujeito, pois tal projeto trará em sua dinâmica inquietações e perturbações. Decisões precisarão ser sustentadas, mesmo provocando conflitos que, por sua vez, devem ser bem administrados.

Para Horácio Penengo o sujeito deve deixar de viver somente satisfazendo as próprias necessidades e pulsões, mas transcender-se, saindo e descentrar-se de si mesmo.

“O projeto de vida é um convite a tomar a vida nas próprias mãos e a descobrir a grandeza de decidir sobre a própria existência de um modo autônomo e comprometido e, por isso mesmo, pessoal e comunitariamente plenificante. A ausência de projeto leva a uma vida alienada, onde os outros decidem por mim” (PENENGO, 2002 p.22).

Ele apresenta o projeto de vida como algo essencial à pessoa humana que constitui e qualifica a própria vida. O projeto de vida deve conduzir a pessoa às

realizações de suas potencialidades humanas. O projeto de vida deve envolver não apenas “coisas”, mas, sobretudo a pessoa, a própria identidade, ou seja, o todo. O processo de construção de um projeto de vida deve conduzir aquele que decide sistematizá-lo à tentativa de responder às perguntas mais conflitantes que o ser humano pode fazer a si mesmo.

A eficácia de um projeto de vida, operacionalmente falando, depende da consistência de um bom planejamento. Nesse contexto, Horácio PENENGO (2002, p.33) diz que projeto de vida “é um processo que tem metas, passos, etapas, pessoas, gestos sensíveis, tempos de avaliação”.

O projeto de vida pressupõe naquele que deseja fazê-lo um mapeamento claro de seus objetivos de vida, de suas vontades e sentimentos, para conduzi-los dentro de “nortes” discernidos e definidos, a partir dos mais profundos valores individuais e sociais. À luz dessas diretrizes gerais, todas as pequenas até as grandes decisões devem ser justificadas.

Para elaborar um projeto se parte do pressuposto de que se sabe onde está para ter noções de onde se quer chegar. Para tanto é necessário um auto-conhecimento, discernindo objetivos de vida que gerem motivação, ter valores pessoais que assegurem um caminho sem muitas incertezas.

Ter projeto de vida significa adquirir uma trilha que se percorrerá, executando planejamentos de curto prazo; é ter diretrizes que determinem o rumo da própria vida, indicando o que deve ser seguido, considerando as prioridades e habilidades necessárias para tal realização pessoal.

São apresentados dois aspectos sobre as estruturas do eu: o “eu atual” e o “eu ideal”. O primeiro significa aquilo que o ser humano é na mais pura realidade, com suas necessidades, com seu modo de agir. É o conhecimento que a pessoa tem de si mesma, com características às vezes até desconhecidas pelo sujeito. O segundo é aquilo que o ser humano quer vir a ser, é o “tornar-se”. Este se refere aos valores e projetos que a pessoa escolhe para si.

O projeto de vida deve ajudar a pessoa a aproximar o mais possível o “eu atual” ou real do “eu ideal”, ou eu desejado.

Certamente, como dito acima, esse “eu ideal” é vislumbrado a partir de experiências positivas ou negativas, realizadas ao longo da história de cada um. Aqui se justificam possíveis projetos sem a presença de valores humanos, morais ou religiosos, marcados pelo “eu real”.

2.3 Experiências pessoais na construção da história

A reflexão sobre o projeto de vida exige do sujeito a inclusão das ações desenvolvidas no presente, com base no passado, como também as ações que ele esteja planejando executar no futuro. Tal atividade de planejamento aumenta a probabilidade de alcance daquilo que foi proposto, gerando maior significado à vida do indivíduo.

Ter história é estar incerto numa ordem temporal, em cadeia de significados e significantes, fazendo parte de um tempo que nos precedeu e de outro que nos sucederá. Fazer parte de uma história é reconhecer o passado e projetar-se num futuro.

A idéia de constituição de projeto de vida é de caráter dinâmico, pois causa mudanças no presente, iluminado pelo passado, visando ao futuro. A partir da história pessoal de vida, um futuro diferente é almejado, construído no presente, de forma gradual e processual. A partir desse movimento do projeto de vida, que é dinâmico, o sujeito vai construindo a sua história. Serrão e Baleeiro acreditam que o passado, o presente e o futuro exercem influência sobre o projeto de vida.

“É preciso que se entenda o projeto de vida como um trajeto em etapas, que contém não só uma visão de futuro, mas também o compromisso com o presente e a relação com o passado. O projeto de vida envolve as dimensões profissionais, afetiva e cívica, enfim a definição do seu lugar no mundo e na sociedade” (SERRÃO e BALEEIRO, 1999 p. 279).

Não podemos ignorar o passado por causa do futuro, pois este não traz nada ao sujeito. A sua construção depende daquilo que se tem a oferecer. O que se tem a oferecer é justamente aquilo que as experiências acumularam e que ficaram

guardadas como tesouros no passado, sendo de certas formas digeridas, assimiladas e re-significados no presente. O passado é uma necessidade vital para o ser humano.

Esse constante diálogo com o passado é fundamental, para que o sujeito faça uma releitura das experiências vividas que marcaram época e que nortearam novos sentidos para a vida. A “experiência” ou “comunicação dos fatos da vida” é condição de todo o conhecimento humano. Os canais desse conhecimento são os sentidos externos complementados pela memória, a imaginação e a afetividade.

As informações obtidas pelas experiências, se devidamente compreendidas, podem conduzir o sujeito a responder às perguntas que o movem a sentir, a imaginar, inquirir e buscar. É o que afirma Horácio Penengo.

“Partindo da experiência e impulsionada pelo dinamismo intencional de sua consciência, a pessoa alcança, assim, um nível superior no processo de conhecimento: o nível da inteligência. Na reflexão, a inteligência interpreta e compreende o conteúdo da “experiência”, com o que tem de perplexidade e admiração e atua com a intenção de decifrá-la, codificá-la e entendê-la” (PENENGO, 2002 p. 24).

Para elaborar um projeto de vida é necessária uma detalhada atenção sobre si mesmo no sentido de poder perceber a realidade e os fenômenos que estão ocorrendo em torno de si. As experiências precisam ser devidamente lidas e resignificadas, proporcionando novos meios de mergulho dentro de si, a elaboração de novos conceitos, a formulação de hipóteses e elaboração de teorias, definições, suposições etc.

2.4 Necessidades humanas no projetar-se

O indivíduo sempre procura meios para satisfazer suas necessidades pessoais para atingir seus objetivos.

Abraham Maslow, psicólogo humanista que formulou os princípios da Psicologia Transpessoal². Colaborou para o conhecimento da própria natureza da motivação humana. Descobriu que as pessoas eram motivadas a satisfazer algumas necessidades, que podiam ser hierarquizadas, assim como podiam também variar de pessoa para pessoa, dependendo do que ela considerava mais importante em determinado momento de sua vida.

Após ter analisado as necessidades humanas e revisado a teoria dos instintos apresentou em seu livro *Motivation and Personality*, 1968, a tese da hierarquia das necessidades humanas, desdobrando-as em cinco níveis: fisiológicas, de segurança, sociais, de estima e de auto-realização.³ Essa teoria apresenta como ponto básico o fato de que o aparecimento de uma necessidade provoca no indivíduo um estado de tensão e ansiedade. Ao hierarquizar essas necessidades, Maslow propiciou uma compreensão mais profunda das metas perseguidas por uma pessoa ao longo de sua vida, ou seja, sobre como os motivos energizam o seu comportamento na busca de uma satisfação motivacional.

As necessidades fisiológicas, também denominadas biológicas, são consideradas necessidades básicas para a manutenção da vida, pois exigem uma satisfação cíclica para garantir a sobrevivência do indivíduo; como, por exemplo, o alimento, as condições de trabalho, repouso e abrigo.

As necessidades de segurança são de ordem de proteção do ser humano de qualquer perigo, como a busca da proteção contra ameaças ou privações, o medo ou a perda de um emprego, a fuga do perigo, o desejo de estabilidade... As necessidades sociais são sanadas, quando sujeito, enquanto ser social participa de vários grupos, buscando sua aceitação por parte deles.

A necessidade de estima visa promover a importância de ter amor próprio, reputação, independência e também de obter o reconhecimento dos demais. Tal

² Conceito retirado do site <http://terapiabreve.vilabol.uol.com.br/iexplore/psitransp.htm>. - A Psicologia Transpessoal é uma ciência holística que estuda o ser humano em sua totalidade, abrangendo outros enfoques científicos, tais como: Medicina, Antropologia, Sociologia, Física, Química, Biologia e Metafísica. Tem como objeto de estudo os estados de consciência que transcendem a pessoa e o conceito de ego.

³ Informações retiradas do site: <http://paginas.terra.com.br/religiao/confrariaconsolador/hierarquia.htm> em 12 de abril de 2007.

satisfação lhe provoca sentimentos de autoconfiança, prestígio, poder e consideração, pois ele começa a sentir-se útil, tendo condições de agir sobre o seu ambiente, podemos dizer que é a dignidade.

As necessidades de auto-realização são definidas como as mais altas necessidades humanas na hierarquia de Maslow, pois possuem o poder de estimular o indivíduo quanto ao desejo de realização plena de seu potencial, por meio da busca de um contínuo desenvolvimento ao longo de sua vida. Essas necessidades são responsáveis por fazer com que os sujeitos utilizem plenamente seus talentos individuais e estão relacionadas com a plena realização de seus potenciais.

O ser humano é um eterno insatisfeito, segundo Maslow, pois possui uma série de necessidades distribuídas hierarquicamente. Assim, se procura sanar primeiro as necessidades fisiológicas e de segurança, enquanto fundamentais à existência humana e, depois, as necessidades sociais, de estima e de auto-realização⁴. Horácio Penengo discursa a respeito das necessidades.

“Trata-se das necessidades básicas constitutivas do ser humano: a necessidade de amar e ser amado, a necessidade de ser reconhecido, a necessidade de existir e de ter os meios necessários para viver, a necessidade de ter e perceber a própria identidade na relação com o presente e o futuro, a necessidade de realizar a própria afetividade em uma relação interpessoal, a necessidade de receber e dar ternura, a necessidade de dar sentido válido à própria vida, a necessidade de autotranscendência, a necessidade de pertencer a um grupo humano e de contar com ele para a própria conservação e expansão, a necessidade de conhecer e viver conforme a própria missão na vida, percebida como a participação pessoal na construção do bem comum” (PENENGO, 2002 p. 35).

A partir dessas reflexões, observa-se de fato que o projeto de vida deve sanar todas as necessidades presentes no ser humano.

⁴ Informações foram retiradas do artigo: ALVES, Bianca. **Motivação Humana e as Organizações: Uma Abordagem Fenomenológico-Existencial**. Acesso em: 01 de maio de 2007 às 13 horas. Disponível em: <<http://www.existencialismo.org.br/jornalexistencial/biancamotivacao.htm>>.

2.5 A Transcendência dentro do projeto de vida

O projeto de vida deve ser coerente também com as crenças e valores do indivíduo. Para os variados segmentos das ciências humanas, fica claro que está inerente à pessoa a dimensão religiosa, enquanto existência de abertura para o inexplicável, para o transcendente.

Tal dimensão deve ser cuidadosamente respeitada, pois se constitui como uma das necessidades naturais do ser humano. O projeto de vida deve responder aos apelos que surgem dessa dimensão natural. Dentro da dinâmica da vida do ser humano, a dimensão religiosa se apresenta de variadas formas em diferentes circunstâncias, dependendo do contexto, da cultura, do nível de adesão do sujeito a essa realidade de mistério.

Assim, podemos entender que um projeto de vida não pode realizar o sujeito de forma parcial, mas integralmente, seja ela de ordem biológica, psicológica, social ou espiritual.

Existem três níveis diferentes em que a pessoa pode viver e que especificam o domínio dos interesses e conhecimentos humanos e a forma de como observamos o mundo. São eles: 1ª. psicofisiológico, 2ª. psicossocial e 3ª. racional-espiritual. CENCINI e MANENTI (1988, p.13) dizem que os três níveis estão “interconectados entre si de modo interno e são reconhecidos no ato humano concreto no qual normalmente um prevalece sobre os demais”.

O nível psicofisiológico diz respeito às atividades psíquicas ligadas ao estado físico do sujeito que, para CENCINI e MANENTI (1988, p.14), são determinadas pelas “necessidades fisiológicas fundamentais do organismo”. O nível psicossocial está vinculado às necessidades de criar relações sociais; para CENCINI e MANENTI (1988, p.15) significa “estruturar amizades, dar e receber ajuda sentir-se parte ativa de uma comunidade de pessoas”. Já o nível racional-espiritual para CENCINI e MANENTI (1988, p.16) “compreende as atividades psíquicas vinculadas à necessidade de conhecer a verdade e com a correspondente capacidade humana de compreender a natureza das coisas, abstraindo-a dos dados dos sentidos”.

O terceiro nível, racional-espiritual, representa na estrutura do ser humano uma possibilidade de abertura para o transcendente, para o mistério, para o além da matéria, para o campo da crença, onde a razão por si só não explica o todo do ser humano. Cencini e Manenti reconhecem esse terceiro nível como poder de transcendência.

“Este poder constitui seu ‘espírito’, algo que, ao contrário da matéria, não tem dimensões mensuráveis, não tem partes, está fora do tempo e do espaço. Com esse poder, o homem pode formular conceitos, conhecer coisas abstratas, julgar, transcender o ‘aqui e agora’ para afirmar e perseguir valores espirituais” (CENCINI e MANENTI, 1988 p. 16)

Esse nível responde à exigência mais radical e integrante do ser humano e o torna capaz de distanciar-se de imediatismos e determinismos, resignificando o seu “entorno”. Tendo a abstração como poder individual, o sujeito passa a formular conceitos: virtudes, bondade, solidariedade.... Quando os fatos imediatos e os processos materiais são transcendidos, fica evidente uma tendência para a autotranscendência.

A dimensão transcendental é vista aqui como possibilidade de abertura humana, onde o sujeito, podendo ir além de si mesmo, aberto ao infinito, está sujeito a realizar seus desejos mais profundos de felicidade plena.

Vemos que a transcendência deve ser compreendida também como necessidade humana, devendo ser contemplada no projeto de vida do sujeito.

2.6 Valores

Podemos entender valores como “patrimônios” que podem ser mundiais, de um País, de certa cultura, de uma crença, de uma família ou de uma pessoa. Dentro desta reflexão falamos do último caso, sabendo que todos os demais interferem diretamente na vida do indivíduo.

O valor é aquela força propulsora que, segundo CENCINI e MANENTI (1988, p.108), “encaminha a vida, de fato, seguindo uma direção precisa, pois faz tomar decisões importantes com relação à profissão, às relações humanas, ao estado de vida”.

A partir disso podemos dizer que um projeto de vida se dinamiza a partir de valores experienciados e assimilados. Valor aqui é compreendido como ideais, pois tê-los significa deixar que este desenhe o futuro, como conceitos já estabelecidos e adquiridos sobre as coisas, situações e idéias: é o sentimento seguro que orientará o indivíduo em casos de insegurança e incertezas. Entendendo as necessidades humanas como inatas no indivíduo, os valores são adquiridos via opção livre e responsável do indivíduo. Na dinâmica do projeto de vida, os valores que, durante a vida, foram sendo internalizados devem ser vistos como critérios para estabelecer o que se deve considerar enquanto desejável.

Para exemplificar valores, Horácio PENENGO (2002, p.35) cita “o bem-estar, a cultura, o amor, a beleza, a justiça, a fraternidade, a verdade, a liberdade, a bondade, a paz, o progresso, a igualdade etc”.

Em situações de dúvidas, as ausências de valores podem comprometer decisões e discernimentos, ferindo princípios, infringindo regras, trazendo conseqüências prejudiciais à própria vida e comprometendo o futuro.

Podemos entender que, para o delineamento de um projeto de vida, nenhuma decisão deve ser tomada sem estar conectada aos valores implícitos no ser humano. Os valores devem ser reconhecidos como motivadores da própria vida; mas, para tanto, antes devem ser descobertos e decifrados.

Os valores são adquiridos mediante experiências vividas, na família, na escola, na religião ou mesmo em experiências concretas, como por exemplo, nas situações limites: doenças incuráveis pela ciência. São essas experiências de vida, em conjunto com todo o contexto e cultura do indivíduo que nascem os valores, dando, aos poucos, um sentido fundamental à própria vida, compondo processualmente o delineamento de um projeto de vida que responda aos anseios mais profundos do ser humano.

A construção de um projeto de vida traz em si características do contexto sociopolítico em que o adolescente e o jovem estão incertos. Margarida Serrão e Maria Clarice Baleeiro afirmam que as características do meio impulsionam ou condicionam o projeto de vida.

“A sociedade atual, voltada para o ter, não facilita o preenchimento desse vazio, pois estimula e impulsiona o adolescente a pensar e “resolver a vida” com base no poder quase sempre proveniente de aquisições materiais. A escolha da profissão pode exemplificar essa tendência. O jovem é estimulado a escolher, baseando-se em critérios materiais, acreditando que a partir daí tem garantidas a realização e a satisfação pessoal” (SERRÃO e BALEEIRO, 1999 p.278).

Um projeto de vida não tem sentido em si mesmo, nem tem como fim último a realização exclusiva do próprio sujeito que o constrói. Enquanto ser social, esse sujeito deve interagir com a sua comunidade, como a sociedade, com o mundo. Margarida Serrão e Maria Clarice dizem que essas percepções caracterizam no indivíduo sua forma de ser e agir no mundo.

“A construção do projeto de vida é a instância final de um projeto de desenvolvimento pessoal e social. Quando o adolescente se revela preparado para iniciar esta construção, isto significa que formou sua identidade, compartilhando-a com o grupo e se tornou capaz de comunicar sonhos, desejos, planos e metas, podendo ingressar numa nova etapa e vida” (SERRÃO e BALEEIRO, 1999 p.278).

O delineamento de um projeto de vida significa ter uma visão geral e integral de si mesmo e daquilo que se quer ser. Para Horácio Penengo, é na dinâmica do “projetar-se” que o adolescente e jovem cresce.

“A adolescência e, sobretudo, a juventude são etapas da vida nas quais se tende a apostar, a escolher, a arriscar. São etapas das grandes decisões que orientam a vida. A grandeza da juventude consiste em que nela os ideais despertam desejos e dinamismos que levam a apostar por uma determinada forma de vida”. (PENENGO 2002, p.22)

Assessorar e orientar o adolescente no delineamento de seu projeto de vida significa conduzi-lo ao foco de sua vida, para que não se perca no caminho, na elaboração de metas, ou seja, naquilo que deve ser conquistado, visando atingir seus objetivos maiores de vida.

Realizar um projeto de vida significa ter a capacidade de interligar as várias áreas da vida: sexualidade, afetividade, profissão, crença. Promover a reflexão sobre o projeto de vida é necessário, porque muitos adolescentes não sabem o que querem da vida e, quando sabem, não conseguem adquirir os meios para tal

realização. Sem desejo de encontrar significado maior para a própria vida, o ser humano não encontra suas motivações fundamentais.

CAPÍTULO 3

3. METODOLOGIA DO TRABALHO DE CAMPO DE PESQUISA

Neste trabalho monográfico o método utilizado é a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir a sua representatividade. Segundo Minayo, (2002 p. 43), “A amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões”.

Foi escolhida a técnica de pesquisa denominada questionário. O questionário foi elaborado com perguntas simples, mas que possam expressar a realidade dos jovens pesquisados..

Constituindo na análise e pela busca da compreensão das motivações, necessidades, expectativas e esperanças desses sujeitos em relação à construção do seu projeto de vida, com o intuito de encontrar convergências e divergências expressas, que pudessem revelar características da coletividade do universo juvenil a que pertencem.

Onde foi enviado por email para cada jovem entrevistado preenche as perguntas, anotando suas respostas, sem ter contato íntimo com o pesquisador, o número de pesquisados foram 8 entrevistados para a análise de amostragem, sendo 6 jovens do Mato Grosso do Sul e 2 do Tocantins.

O que se pretende é identificar se já obtiveram algum tipo de informação ou orientação sobre projeto de vida; saber em quais instituições encontra informações e orientações quanto à elaboração de um projeto de vida e analisar em quais eles acham que deveriam encontrar; qual importância tem o projeto de vida para o mundo juvenil.

3.1 Análise e Interpretação dos Dados

A análise e interpretação dos dados devem ser operacionalizadas em conjunto, permitindo oferecer respostas aos problemas da pesquisa. A análise tem como objetivo o resumo das observações que foram sistematizadas e organizadas no processamento dos dados, já a interpretação objetiva é dar sentido mais amplo aos resultados da pesquisa.

A análise dos dados da pesquisa foi trabalhada da seguinte forma. Os dados foram tabulados e organizados em tabelas e gráficos, descritos e interpretados.

Com base nas informações obtidas a partir da pesquisa e a análise dos dados serviram como fonte para o desenvolvimento deste trabalho monográfico do curso de Especialização em Adolescência e Juventude no Mundo Contemporâneo da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAPE e a Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude.

3.2 Dados de identificação da Pesquisa de campo

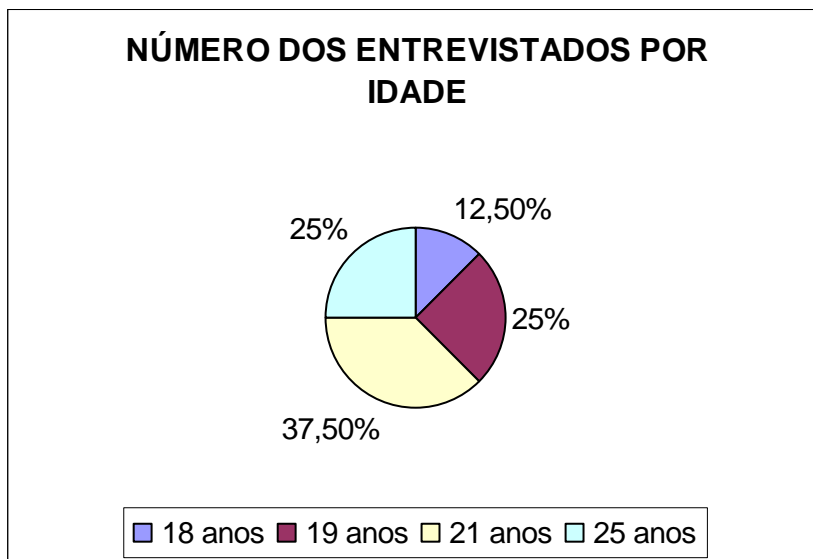
Foram Enviados 10 questionários para 10 jovens sendo somente 8 retornaram, sendo a idade dos entrevistados de 18 anos a 25 anos os que devolveram a resposta da pesquisa.

Tabela nº1 – Número de jovens entrevistados

IDADE	N.º DE ENTREVISTADOS	PORCENTAGEM
18 anos	1	12,50%
19 anos	2	25 %
21anos	3	37,50%
25 anos	2	25 %
TOTAL	8	100%

Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007.

GRÁFICO Nº. 1



Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007.

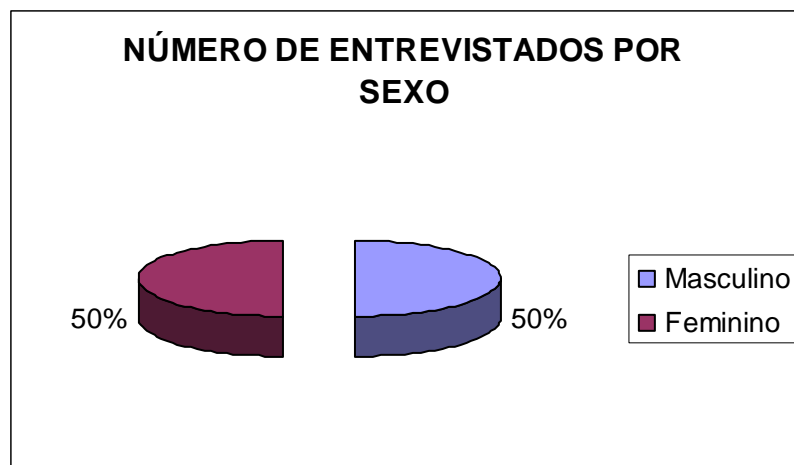
Dos 8 jovens entrevistados, 12,50% têm 18 anos, 25% 19 anos, 37,50% possuem 21 anos, e 25% têm 25 anos somando um total de 8 jovens entrevistados. Sendo que esta é uma pequena amostra do mundo juvenil.

Tabela n.º 2 – Número de jovens entrevistados por sexo

Sexo	N.ºentrevistados	Percentagem
Sexo masculino	4	50 %
Sexo feminino	4	50 %
TOTAL	8	100%

Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007.

GRÁFICO Nº. 2



Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007.

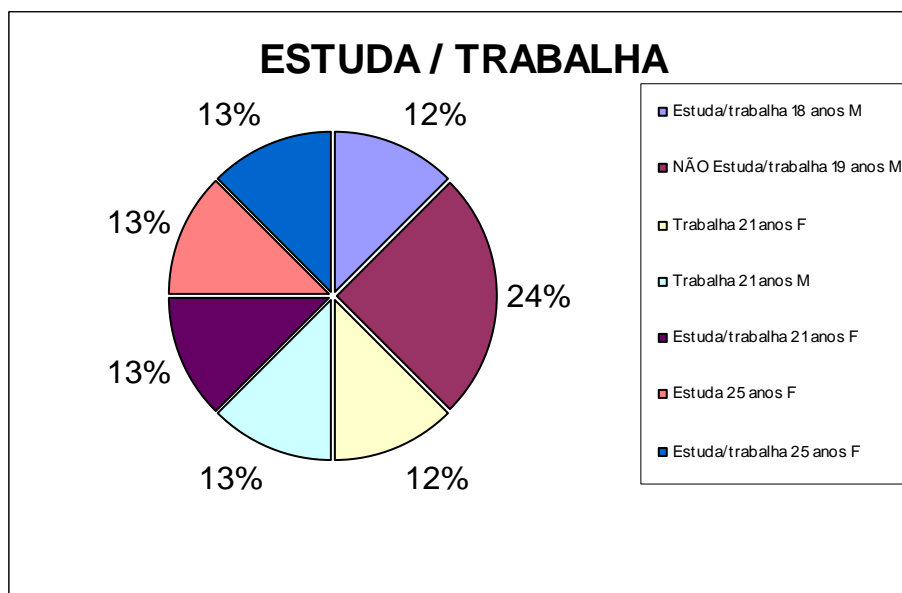
Dos 8 adolescentes entrevistados, 50% são do sexo feminino e 50% do sexo masculino, um equilíbrio de gêneros, sendo proposital não tendo o prevaecimento dos pareceres aos femininos ou masculinos.

Tabela nº3 – Estuda e trabalha?

IDADE DOS ENTREVISTADOS	ESTUDA				TRABALHA				ESTUDA/TRABALHA			
	SIM		NÃO		SIM		NÃO		SIM		NÃO	
	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
18 ANOS										1		
19 ANOS												2
21 ANOS					1	1			1			
25 ANOS	1								1			

Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007.

GRÁFICO Nº. 3



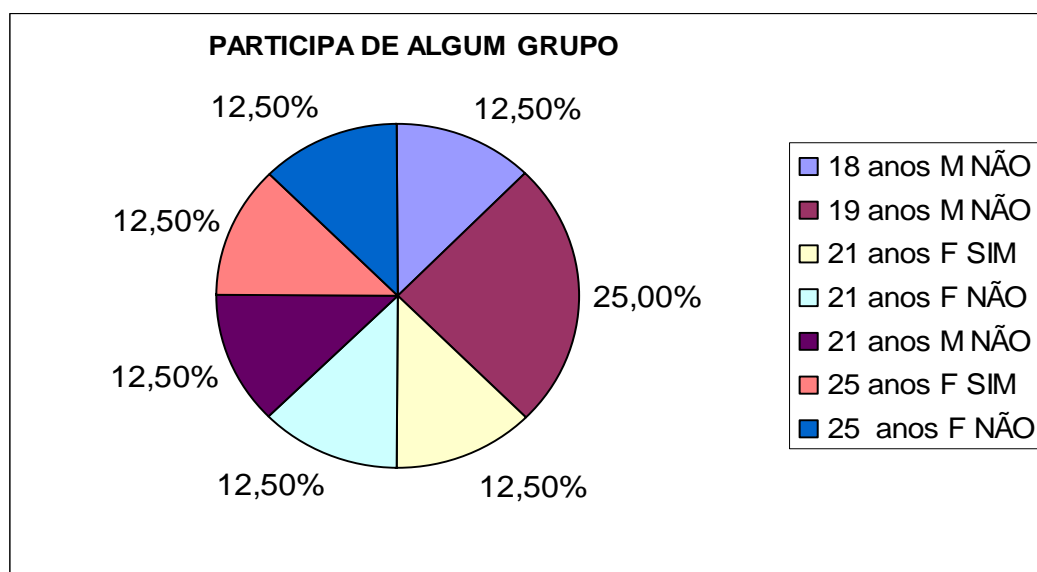
Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007.

Os jovens que estudam somam um total de 50% sendo que 26% das jovens mulheres estudam e trabalham e dos jovens homens somente 12% trabalham e estudam, as jovens mulheres que estudam são 13%, e não trabalha 13% e dos jovens rapazes temos uma porcentagem bem menor dos que trabalham e estudam 13%, com uma diferença de 24% dos que não trabalham e nem estudam sendo que na resposta um dos jovens expressa que esta recentemente desempregado e 13% trabalham. Percebem que as jovens estão mais trabalhando e principalmente estudando.

Tabela nº 4 – Participa de algum grupo? Qual?

IDADE DOS ENTREVISTADOS	SIM		NÃO		QUAL?
	F	M	F	M	
18 ANOS				1	
19 ANOS				2	
21 ANOS	1		1	1	Igreja /Jovens
25 ANOS	1		1		Igreja /Jovens

Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007.

GRÁFICO Nº. 4

Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007.

A pesquisa revela que a maioria dos entrevistados afirma que não participam de nenhum grupo, isto manifesta uma empatia pela as organizações, e as duas jovens que revelam que participam da Igreja Católica no grupo de jovem e de outras pastorais.

3.3 Dados da pesquisa

Os jovens entrevistados responderam à pergunta dizendo o que é projeto de vida, as respostas seguem na integra:

- Projeto de vida pelo meu entender são pessoas que se vê futuramente especializado em alguma área, tem sua própria casa, seu próprio carro e sua família.
- Um projeto de vida é um plano colocado em papel para que possamos visualizar melhor nossos objetivos.
- É um modo de vida que você pense em ter num futuro próximo para você e sua família.

- Planejar, traçar planos.
- É organizarmos nossa vida para sermos felizes. Sonhando com um “outro mundo possível”.
- É o que pretendo alcançar para o futuro, atravessando todas as dificuldades possíveis, mas como todo projeto deve-se alcançar o objetivo final.
- É um plano, um mapa que traçamos para ir realizando por etapas até chegarmos ao topo.

Tabela nº 5 – Você tem ou gostaria de ter um projeto de vida? Por quê?

P R O J E T O D E V I D A	VOCÊ TEM?		POR QUÊ?
	SIM	NÃO	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sim, tenho, porque tudo na vida tem que ser planejado, estudado, pensado, elaborado da melhor maneira possível, pois é algo de suma importância para nossa vida. ✓ Tenho. Para se manter organizados, saber a seqüência de realizações.
	6	2	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sim. A principio concluir meus estudos logo mais fazer uma faculdade, conseguir um emprego na área em que me especializar, e por fim com um ganho financeiro bom construir uma família. ✓ Sim. Pois penso em ser alguém na vida algum dia. ✓ Sim; para conquista meus objetivos.. ✓ Eu tenho. Porque cuidando de mim mesma e de meu projeto pessoal, poderei cuidar melhor das pessoas e do mundo em minha volta: da minha família, de meus amigos, colegas, de minha casa, do meu quarto, da Terra: o ar, a água, as plantas, os animais e tudo que nela habita. Refletindo e elaborando vários aspectos de minha vida.
	GOSTARIA DE TER?		POR QUÊ?
	SIM	NÃO	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Eu. Não tenho um projeto de vida mais gostaria de ter sim porque é muito importante para o meu futuro, para que eu possa ser alguém da vida, um bancário um empresário etc. ✓ Não mais gostaria de traçar um para me desempenhar mais e adquirir mais conhecimento.
	2		

Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007.

Tabela nº6

Você já foi orientado sobre a elaboração do projeto de vida? E onde recebeu esta orientação?

Você já foi orientado sobre a elaboração do projeto de vida?		E onde recebeu esta orientação?
SIM	NÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Na escola, com os pais e no quartel • Com as Irmãs Pastorinha, num retiro vocacional
2	6	

Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007.

A intenção dessa questão foi em perceber se o jovem já teve ao longo de sua vida algum tipo de acompanhamento com referência à construção de um projeto de vida. Mas infelizmente a pesquisa revela que ainda existe uma ausência em relação a orientação do projeto de vida e o que se observa é que as instituições que trabalham e orientam projeto de vida para o universo juvenil são: a família, a escola, o quartel e as congregações religiosas da Igreja católica.

Para analisar melhor os resultados dessa questão, será mencionada a tabela nº5 que demonstra que dos 08 (oito) jovens entrevistados, 06 (seis) diz que tem um projeto de vida e os outros 02 (dois) diz não ter mais gostariam de possuir um para melhor visualizar os seus objetivos e se lançar em busca da meta.

A partir desse, pode-se afirmar que 25% dos entrevistados já obtiveram algum tipo de informação sobre projeto de vida sobre orientação e acompanhamento da construção do projeto de vida. Percebemos que 75% dos entrevistados não foram orientados sobre a construção do projeto de vida. Podemos afirmar, a partir daí, que nem todos aqueles que têm um projeto de vida (08 entrevistados), sobre projeto de vida, de fato receberam a orientação para ele, visto que a pesquisa mostra que apenas 02 entrevistados a receberam a orientação.

Tabela nº7 - Qual o valor em ter um projeto de vida?

V A L O R P R O J E T O D E V I D A	<ul style="list-style-type: none"> • Tem muito valor esse projeto, porque com ele serei uma pessoa solidária e terna nos relacionamentos e na defesa da justiça e da paz, e poder dizer sim as nossas vidas e não para a destruição da natureza. • O valor de saber por onde caminhar para atingir meus objetivos... • É o que você tem em mente para ser no futuro. • Organizar a vida de uma forma de uma forma satisfatória, e um futuro melhor. • O valor é um futuro muito mais satisfatório. Uma boa qualidade de vida. • É se torna uma pessoa solidária e terna nos relacionamentos e na defesa da justiça e da paz. Dizendo sempre sim a vida e escolhendo esses valores que nos faz mais humanos. É poder dizer não ao consumismo, à destruição da natureza. • A pessoa tem que ter em mente o porquê está fazendo algo e qual a importância disso na sua vida. • A realização dos nossos sonhos, o bem estar da família e o orgulho de conseguir ser alguém.
---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007.

Tabela nº8

Para construir um projeto de vida o que deve-se levado em consideração?

PARA CONSTRUIR UM PROJETO DE VIDA O QUE DEVE-SE LEVADO EM CONSIDERAÇÃO?
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Para construir um projeto temos que usar nossas cabeças para que podemos alcançar um bem maior. Temos que ser batalhadores para conseguir esse bem maior. ✓ Os valores que tenho meus limites claros e possíveis e concretos.. ✓ Deve-se se levar em conta o que você pensa em ser ou o que pretende ter na vida. ✓ Que projetar a vida é usar a inteligência para possibilitar o surgimento de um bem maior. É assumir uma missão e se for cristão a de Jesus Cristo, colocar a pessoa no centro (Marcos 3. 1-6), ser livre e libertador/a das amarras que impedem o povo de viver feliz. Chamado a construir um mundo cuja tônica é a partilha. ✓ Os sonhos, empenho e dedicação para realizar o mapa da nossa vida. ✓ O que é ou não importante para você, o que pode te fazer bem ou não, se é algo que te vai fazer crescer como pessoa e como profissional. ✓ Valor financeiro, Valor familiar. ✓ Saúde física, financeira, familiar, social e profissional.

Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007.

Os dados demonstrados na tabela revelam que para os jovens entrevistados, acreditam que, ao construir um projeto de vida, é necessário levar em consideração todos os “tempos da vida”, ou seja, o presente, o passado e o futuro; a Saúde física, financeira, familiar, social e profissional, a questão financeiro, a vida familiar, os valores, os sonhos, os limites...

Tabela nº9

O projeto de vida deve ajudar a pessoa a se realizar em que sentido?

O projeto de vida deve ajudar a pessoa a se realizar em que sentido?
<ul style="list-style-type: none"> • No sentido de constituir uma família e ser um alguém. • Tomar a vida nas próprias mãos e descobrir a grandeza de decidir sobre a própria existência e viver e ser capaz de optar com decisão. • Quando a pessoa conseguir alcançar o topo dos seus sonhos, tendo o que comer, moradia e também ajudando outras pessoas a fazer esse projeto. • Todos, financeiramente e emocionalmente. • Físico e Moral e estruturadamente. • A buscar uma causa que alimente toda sua vida. Dando sentido a sua existência analisando oportunidades, planejando os passos para se ter um mundo feliz. É tomar a sua História nas mãos e começar a fazer escolhas. No sentido de ir contra a corrente, ser pessoa, ser revolucionário/a em uma sociedade que não dar tempo para pensar, decidir e escolher os rumos. • Organizar sua vida • Pessoal e profissionalmente.

Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2007.

A pesquisa revela que a maioria dos entrevistados afirma que o projeto de vida deve ajudar a pessoa a se realizar ao mesmo tempo: financeiramente, moralmente, familiar, profissionalmente, emocionalmente e afetivamente. Cabe ainda dizer que, o projeto de vida esta ligado ao tomar a vida nas mãos, o saber conduzir a vida dentro de um processo de maneira sistematizada e dinâmica, e também esta ligada à questão profissional, as questões financeiras, afetivos e emocionais.

CONCLUSÃO

Ao término deste estudo pode dizer-se que a discussão de e sobre a juventude e o projeto de vida não está encerrada, pois tem muito para ser aprofundada e pesquisada. O trabalho visou apresentar uma reflexão sobre a possibilidade e importância do delineamento do projeto de vida.

O projeto de vida se faz necessário em face da situação caótica em que vivem, onde valores sociais predominantes (prazer, poder, o ter...) os escravizam e impossibilitam de refletir sobre o próprio futuro visando à felicidade de forma integral.

Os resultados deste estudo de forma alguma não são definitivos. Acredita-se que as certezas são sujeitas as transformações e evoluem no processo da construção do conhecimento. Visando ao desenvolvimento integral da pessoa, o projeto de vida é componente importante e de forma relevante dentro do processo educativo, parte integrante da formação do ser humano, como pessoa e cidadão no universo do mundo juvenil.

A educação, a cultura, a identidade e o vínculo social, também dependem da autenticidade dos valores que se solidificam a partir do processo de projetar se para a vida, e de uma ética que se consolida, sobretudo, através do processo educativo iniciado na família, valorizado na educação, na sociedade e na comunidade.

Estas instituições têm a função importante no processo de despertar e acompanhar para a formação de orientação do projeto de vida: trabalhar com os conhecimentos humanos sistematizados e criar novos conhecimentos como algo precioso como uma pérola no mais profundo do ser, a experiência do lançar se rumo à meta leva a dignidade, a realização com ser humano e a cidadania.

Nesse contexto, é importante que os jovens sejam auxiliados quanto ao desenvolvimento de um projeto de vida, porquanto, conforme indicado pelo conteúdo teórico apresentado neste estudo, às possibilidades de os indivíduos alcançarem suas metas podem ser ampliadas pela ajuda e orientação da família, da escola, das

Igrejas, das instituições que atuam junto à juventude e da sociedade como um todo.

Porém, na medida em que a análise dos dados foi sendo realizada, percebeu-se que os jovens são pouco informados e menos ainda orientados e acompanhados sobre o delineamento do projeto de vida.

Os resultados obtidos por este trabalho contribuíram também para acenar à importância das instituições que convivem e trabalham com adolescentes e jovens em ampliarem sua compreensão em relação ao tema projeto de vida, pois cabem a elas formar seres humanos mais felizes, que consigam responsabilizar-se conscientemente pela busca de seus sonhos, desejos e aspirações. Os mesmos devem ser ajudados a construir um futuro que esteja em sintonia com os seus objetivos de vida, ou seja, com o seu coração, seus valores, sua fé e com as suas habilidades, competências individuais e coletivas. Segundo a pesquisa de campo realizada, foi revelado que a família, a Igreja e a escola são as instituições de que orientam para a construção do projeto de vida, mas ainda de maneira muito tímida.

Percebeu-se, na pesquisa de campo, que compreender o projeto de vida vai além da escolha profissional. Este deve realizar a pessoa integralmente, o que engloba as dimensões financeira, profissional, familiar, religiosa, emocional e afetiva, o que confirma que o projeto de vida não se esgota no projeto profissional. Esses resultados são alicerçados nos estudos feitos sobre projeto de vida, em que foi expresso pelos jovens em ter um futuro bem delineado é de suma importância para o ser humano, pois as metas são essenciais para que as pessoas se orientem em seu mundo, optando por alguma direção para poderem alcançar sua felicidade.

O trabalho proporcionou a reflexão sobre a necessidade do norteamento de um projeto de vida por meio de mecanismos teóricos, científicos e práticos, buscando orientar a juventude não somente na sua escolha do projeto profissional, mas também em busca de um equilíbrio e de um futuro seguro, incluindo este dentro de uma visão mais abrangente e totalitária.

BIBIOGRÁFIA

ABRAMO, Helena W. (1994): *Cenas juvenis*. São Paulo: Scritta.

BRASIL. Fundo de População das Nações Unidas. Direitos da população jovem: um marco para o desenvolvimento. Brasília, 2003.

CARRANO, P. C. R. e DAYRELL, J. Jovens no Brasil: difíceis trajetórias de fim de século e promessas de outro mundo. 2002. Disponível em: <www.uff.br/obsjovem> Acesso em: 02/05/2007.

CARRANO, Paulo. CÉSAR, Rodrigues. Juventude e cidades educadoras. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

COELHO, Alonso Nunes. Juventude e Políticas Públicas. In: Revista Mundo Jovem, São Paulo, Outubro 2003.

COSTA, A.C.G. da. Tempo de Crescer: Adolescência, Cidadania e Participação. Salvador: Fundação Odebrecht, 1998.

_____, A.C.G. da. Protagonismo Juvenil: Adolescência, Educação e Participação Democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

_____, A. C. G. Tempo de servir: o protagonismo juvenil passo a passo; um guia para o educador. Belo Horizonte: Universidade, 2001.

D'ANDREA, Flávio Fortes. Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico. 9a. ed., Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

DENCKER, Ana de Freitas Maneti. Pesquisa empírica em ciências humanas: com ênfase em comunicação. São Paulo: Futura, 2001.

DAYRELL, Juarez. Escola e cultura juvenis. In: FREITAS, Maria Virgínia; PAPA Fernanda de Carvalho (orgs.). Políticas Públicas: juventude em pauta. São Paulo: ed. Cortez; Ação educativa; Fundação Friedrich Ebert, 2003.

ERICKSON, E.H. Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: *Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 2003.

FERREIRA, A.B. H. Novo Dicionário (Aurélio) da Língua Portuguesa. 1ª ed. 15ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FORACCHI, Marialice M. A juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1972.

GROPPO, Luis Antonio. Juventude - ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. *Trabalho: uma categoria chave no imaginário juvenil?* In: ABRAMO, Helena. Retratos da Juventude. Análise de uma pesquisa nacional. Instituto Cidadania – Fundação Perceus Abramo. São Paulo, 2005.

HALL, Stanley. Adolescente. S/ed. 1904.

HOBBSBAWN, Eric. A era dos extremos - o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

IANI Otávio, no texto intitulado o *Jovem radical* (1962)

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da Juventude Brasileira - Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.

OLIVEIRA, Carmen Silveira de. "Sobrevivendo no Inferno - a violência juvenil na contemporaneidade". Porto Alegre: Editora Sulina, 2001.

PEREIRA, Elcimar Dias; PINTO, Joana Plaza. Adolescência: Como se faz? – apontamentos sobre discursos, corpos e processos educativos. *Fazendo Gênero*. Goiânia: Grupo Transas do Corpo, ano VII, n.17, jul./out. 2003.

PFROMM, Samuel. Psicologia da Adolescência. São Paulo: Pioneira, 1971.

PROJETO JUVENTUDE. Documento de conclusão - versão final. São Paulo: Instituto Cidadania, 2004.

_____. Documento de conclusão – versão inicial para discussão, complementação e ajustes, São Paulo: Instituto Cidadania, 2005.

SPÓSITO, Marília Pontes. Os Jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.